

Contato de dialetos no Distrito Federal, Brasil

Stella Maris Bortoni-Ricardo

In Bortoni-Ricardo, S.M. Freitas, V.A. e Vellasco, A.M. (orgs.) O falar
candango, Brasília, Editora UnB, 2010, p.17-32

Resumo: Este artigo apresenta o histórico da pesquisa sobre o falar no Distrito Federal (DF) — Unidade da Federação onde se encontra Brasília, a capital do Brasil—, e os resultados obtidos.

A República Federativa do Brasil tem a cidade de Brasília como capital. Brasília foi fundada em 21 de abril de 1960 e é também a capital do Distrito Federal (DF), estado da Federação, que hoje possui cerca de 1.800.000 (um milhão e oitocentos mil) habitantes. Desses, 19% vivem na cidade de Brasília e o restante nas outras cidades do DF, como demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1

Número de habitantes por Região Administrativa do DF

Regiões Administrativas	Número de Habitantes	%
Brasília	329.261	19%
Cruzeiro	62.365	4%
Guará	113.068	7%
Núcleo Bandeirante	51.890	3%
Taguatinga	240.382	14%
Ceilândia	381.733	22%
Samambaia	141.407	8%
Gama	138.684	8%
Paranoá	49.214	3%
Sobradinho	89.042	5%
Planaltina	79.705	5%

Brazlândia	45.439	2%
TOTAL	1.722.190	100%

Fonte: Os dados demográficos foram fornecidos pela

Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN) e registrados por Corrêa (1998).

Uma grande parte dessa população (41%), como demonstra a tabela 2, já nasceu no Distrito Federal e é, portanto, bem jovem. Os demais vieram de outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste (23%), de Minas Gerais (11%) e de Goiás (8%).

Tabela 2

Número de habitantes por Região Administrativa do DF

Naturalidade	Número de habitantes	%¹
Acre	2.061	0,1%
Alagoas	7.093	0,4%
Amapá	847	0,04%
Amazonas	4.584	0,26%
Bahia	93.197	5%
Ceará	93.424	6%
Distrito Federal	707.319	41%
Espírito Santo	9.295	0,5%
Goiás	139.283	8%
Maranhão	72.232	4%
Mato Grosso	4.934	0,27%
Mato Grosso do Sul	4.087	0,25%
Minas Gerais	191.690	11%
Pará	12.914	1%
Paraíba	67.513	4%
Paraná	8.770	0,5%
Pernambuco	40.374	2%
Piauí	91.073	5%
Rio de Janeiro	67.544	4%
Rio Grande do Norte	28.846	2%
Rio Grande do Sul	15.989	1%
Rondônia	1.627	0,09%
Roraima	676	0,03%
Santa Catarina	3.578	0,2%

¹ Os percentuais são aproximados e calculados por Corrêa (veja-se Corrêa 1998).

São Paulo	34.958	2%
Sergipe	6.197	0,3%
Tocantins	4.931	0,28%
Estrangeiros	7.154	0,4%
TOTAL	1.722.190	100%

Fonte: CODEPLAN - Pesquisa Domiciliar: Transporte - 1990, em Corrêa (1998)

Por ter-se constituído um importante pólo receptor de migração no Brasil nos últimos 38 anos, o DF tornou-se também um laboratório muito especial para o estudo de variedades regionais e socioletais em contato. O dialetólogo baiano Nelson Rossi, quando ainda era professor da Universidade de Brasília, na década de 60, foi o primeiro a alertar para a importância desse fenômeno sociolingüístico. A pesquisa sistemática só teve início porém em 1980, com o estudo de Bortoni-Ricardo sobre o processo de urbanização dos falantes de dialetos rurais radicados na cidade-satélite de Brazlândia (veja-se Bortoni-Ricardo 1985).

Essa pesquisa pioneira baseou-se nos conceitos de focalização e difusão dialetais avançados de Robert Le Page (1980). Um dialeto focalizado é percebido como uma entidade distinta. A difusão dialetal, por outro lado, é o resultado do contato entre variedades, fenômeno associado com a mobilidade demográfica, de natureza regional ou socioeconômica.

O estudo do contato de dialetos regionais tem uma longa tradição. A atenção ao fenômeno de contato entre variedades socioletais surgiu com a dialetologia urbana de William Labov e associados, a partir dos anos sessenta.

As situações de contato, como observou Herzog (1965, citado em Labov 1972), favorece os amálgamas às expensas das distinções. Leopold (1972) observa que, após a segunda guerra mundial, as populações alemãs oriundas do Leste, que imigraram para o Oeste aos poucos, foram abandonando seus dialetos regionais. As populações autóctones do Oeste, por sua vez, também adotaram uma norma coloquial mais neutra, mais acessível aos recém-chegados. Saiu então fortalecida uma variedade padronizada, em que as tendências regionais se nivelaram e que é, todavia, distinta da variedade padrão culta supra-regional.

Um nivelamento semelhante ocorreu no Sul de Portugal, nas províncias de Alentejo e Algarve, para onde confluíram portugueses de todas as províncias do Norte e do Centro, durante o período da reconquista do território aos mouros. Referindo-se a esse movimento migratório, Serafim da Silva Neto diz:

Quando entram em convivência dois indivíduos que, embora do mesmo domínio lingüístico pertencem a regiões diferentes, dá-se como que um acordo tácito que elimina as características mais salientes da pronúncia de um e de outro. Assim se reduzem as asperezas e se obtém um instrumento dúctil e maleável, harmonioso, capaz de servir plenamente aos interesses da intercomunicação. Assim, eliminam-se os localismos em favor do geral. As particularidades mais típicas, sentidas como rusticismos, são limadas e reduzidas. Só se generaliza o não-específico.

(Serafim da Silva Neto 1976: 108)

As pesquisas sobre o contato dialetal no DF na década de 80 voltavam-se, principalmente, para a descrição desse processo de generalização, i. e., da difusão dialetal. Na medida em que os estudos progrediam, começou-se a vislumbrar, porém, algum sinal de uma focalização emergente, tema de que se ocupou Cíntia Corrêa (1998) na pesquisa mais recente da série.

A amostra principal do estudo do processo de urbanização dos falantes de antecedentes rurais (veja-se Bortoni-Ricardo 1985) era constituída de famílias que haviam deixado a zona rural em Minas Gerais e se radicaram no Distrito Federal, permanecendo à margem do sistema de produção. O fato sociolinguístico mais notável nesse estudo foram as diferenças observadas, no seio de cada família, entre o repertório da geração mais velha, que já migrou para o DF na idade adulta, e a geração dos seus filhos, netos ou sobrinhos, que ali chegaram ainda como crianças. Enquanto os primeiros mantinham as regras morfosintáticas básicas do seu repertório, os últimos demonstravam estar passando por um rápido processo de reestruturação fonológica em sua linguagem. A tabela 3 mostra a frequência e o desvio ajustado para os dois grupos, em relação a quatro regras que foram consideradas bons indicadores do processo de «urbanização» dos falantes de variedades rurais no Brasil. As duas regras fonológicas, vocalização da lateral palatal /lh/, como em ‘palha’ > ‘paia’; ‘filho’ > ‘fio’ e a monotongação do ditongo crescente átono final, como em ‘pulícia’ > ‘puliça’; ‘gêmeo’ > ‘gemu’, são regras descontínuas, próprias dos falares que se encontram no pólo rural ou «rurbano» do continuum de urbanização da sociedade brasileira. As duas outras regras, de concordância verbo-nominal nas primeira e terceira pessoas do plural, são regras graduais nesse continuum, embora a ausência de concordância de primeira pessoa plural [‘nós fomos’ ~ nós foi] determine uma estratificação mais descontínua que a de terceira pessoa [‘eles foram’ ~ ‘foram’ ~ foi].²

Os resultados dessa primeira pesquisa mostraram que a análise da questão da difusão dialetal no DF implicava conhecer melhor o efeito da variável «idade do falante no momento da migração» e os padrões de reestruturação fonológica no repertório de jovens e adultos provenientes de outras localidades.

A idade no momento da migração é uma variável crucial em virtude da influência que a idade cronológica tem na aquisição da linguagem em geral. Na literatura sobre essa questão, os pesquisadores apontam a puberdade como a fase da vida em que a aquisição de uma segunda língua ou dialeto torna-se mais difícil. Labov (1972) argumenta que, para adquirir os padrões de um segundo dialeto, uma pessoa tem de passar ao menos a metade da primeira década de vida naquela área dialetal. Os resultados da pesquisa de Arvilla Payne (1967), que examina a aquisição de padrões dialetais em um bairro de Filadélfia, corroboram a afirmação de Labov.

Tabela 3
Difusão dialetal: efeito da idade do grupo³

	Frequência	%	Desvio ajustado (%)
Regra de vocalização			
adultos	1448/2963	49	- 5
jovens	491/600	81	+ 23
Regra de redução de ditongo			
adultos	1084/2041	53	- 11

² Para uma descrição do continuum de urbanização e da distinção entre traços graduais e descontínuos, vejam-se Bortoni-Ricardo 1985 e 1998.

³ As frequências referem-se à variante padrão de cada regra estudada.

jovens	707/802	88	+ 28
Concordância verbal 3ª pessoa			
adultos	487/1799	27	- 7
jovens	319/496	64	+ 27
Concordância verbal 1ª pessoa		48	
adultos	441/926	48	- 6
jovens	244/296	82	+ 18

No Distrito Federal, Elizabeth Hanna (1986) comparou a fala de oito jovens, quatro provenientes do Rio de Janeiro e quatro provenientes da Paraíba, que se haviam mudado para o DF até os seis anos de idade, com a fala de seus pais. Escolheu como indicadores, no caso dos cariocas, a palatalização das fricativas implosivas /s/ e /z/ , e , para os paraibanos, a realização não-africada do /t/ e /d/ diante da vogal /i/. As duas variáveis são, respectivamente, indicadores dos dialetos focalizados das duas regiões em questão.

A tabelas 4 mostra que, nas famílias cariocas da amostra, dois jovens já haviam substituído a realização chiante do /ʎ/ implosivo pela realização sibilante, enquanto os pais preservavam a variante regional em diversos graus. Nas famílias paraibanas (tabela 5), o efeito da difusão é mais notável, talvez porque a variável aferida é estigmatizada no Centro-Sul do País.

Baseada nesses resultados, Hanna ampliou a sua amostra e gravou em entrevistas telefônicas 30 jovens nascidos no DF, sem preocupar-se em controlar a origem dos pais. Esses dados levaram-na a propor, como uma hipótese ainda preliminar, que estava ocorrendo na cidade, pelo menos na classe média, a focalização de um falar marcado pela ausência de traços regionais típicos. Segundo essa pesquisadora, o falar emergente de Brasília assemelhava-se ao português usado nos noticiários das redes nacionais de televisão, em que se evitam pronúncias localistas.

Tabela 4

Frequência de palatalização do /s/ e do /z/

Informante jovem	Idade (idade em que se mudou)	Frequência	%	Informante adulto	Idade (idade em que se mudou)	Frequência	%
Malu C	18(6)	321/326	98.4	Ivanise C	43(31)	599/600	99.8
Vinicius F	18(1)	144/236	61.0	Orlando F	47(30)	491/600	81.8
Cesar E	18(1)	0/500	0	Celio E	54(29)	313/395	79.

							2
Katia D	18(5)	0/500	0	Ivone D	44(31)	269/848	31.7
TOTAL		465/1562	29.7			1672/2443	68.4

Tabela 5
Freqüência da não-africação do /t/ e do /d/

Informante jovem	Idade (idade em que se mudou)	Freqüência	%	Informante adulto	Idade (idade em que se mudou)	Freqüência	%
Beto O	19(6)	19/334	5.6	Avany M	40(24)	391/431	90.7
Ana Clara M	18(2)	0/546	0	Liliane N	40(22)	139/213	65.2
Celsinho P	17(5)	0/169	0	Humberto O	50(37)	449/778	57.7
Lorena N	18(<1)	0/546	0	Celso P	46(34)	104/379	27.4
TOTAL		19/1595	1.1			1083/1801	60.1

Paralelamente a esses achados, Josepha Adant (1988) mostrava que a reestruturação fonológica no repertório de migrantes adultos é bastante lenta. Ela examinou a realização dos /t/ e /d/ não-africados diante do /i/ na fala de 20 (vinte) adultos alagoanos residentes em Brasília e de 20 (vinte) alagoanos que se mantiveram em seu estado de origem, controlando ainda os antecedentes (rurais ou urbanos). Os resultados obtidos aferidos em freqüências e desvios ajustados parecem indicar um processo de difusão dialetal na fala dos alagoanos residentes em Brasília. Submetidos os mesmos dados, porém, a um tratamento estatístico mais rigoroso (pacote VARBRUL), constatou-se que as diferenças entre os dois grupos não era estatisticamente relevante, o que demonstrou que as alterações fonológicas no repertório de migrantes adultos são de pequena monta.

Esse conjunto de estudos foi complementado por uma pesquisa de atitudes, que usou a metodologia do «matched guise», por meio da qual se podem constatar as atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação a dois ou mais códigos (línguas ou dialetos). No experimento conduzido por Djalma Cavalcanti (1988), 120 ouvintes-juízes de ambos os sexos e de classe média e baixa, residentes no DF, avaliaram, em uma escala de 5 pontos, exemplares de um mesmo texto lidos por seis homens, profissionais liberais, nascidos e criados, respectivamente,

em Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Também associaram cada leitor a uma profissão de muito ou de pouco prestígio social.

Tabela 6

Uma comparação dos valores médios do dialeto de prestígio, na escala semântica diferencial para os seis sotaques regionais

Dialetos	Homens (60)	Mulheres (60)	Classe Média (60)	Classe Baixa (60)	Total	1
Sul (Rio Grande do Sul)	3,47	3,55	3,35	3,65	3,50	9,40*
Este (Rio de Janeiro)	3,33	3,55	3,36	3,52	3,44	8,80*
Sudeste (São Paulo)	3,74	3,95	3,90	3,80	3,85	8,22*
Centro-Oeste (Goiás)	3,18	3,24	2,94	3,47	3,21	3,50
Nordeste (Pernambuco)	2,99	2,95	2,93	3,01	2,97	0,60
Brasília (Distrito Federal)	4,11	4,23	4,31	4,03	4,17	23,40*

* $p < 0.01$.

Os resultados, apresentados nas tabelas 6 e 7, mostram que os sotaques foram avaliados positivamente na seguinte ordem decrescente: Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Goiás e Pernambuco. Os avaliadores não associaram o sotaque do DF a qualquer cidade e a ele atribuíram o maior grau de prestígio. Os sotaques de Goiás, estado vizinho de forte tradição rural; de Pernambuco, estado do Nordeste, que é uma região de renda per capita baixa, e, surpreendentemente, o do Rio de Janeiro, receberam avaliações mais baixas. Os sotaques mais prestigiados foram justamente os da Região Sul, que é a região mais desenvolvida do Brasil.

Tabela 7

Índices para altas (A) e baixas (B) ocupações de prestígio

Dialetos	Altas Número Total	%	Baixas Número Total	%
Sul (Rio Grande do Sul)	61	50,8	59	49,2
Este (Rio de Janeiro)	60	50	60	50
Sudeste (São Paulo)	105	87,5	15	12,5
Centro-Oeste (Goiás)	44	37,7	76	63,3
Nordeste (Pernambuco)	40	33,3	80	66,7
Brasília (Distrito Federal)	113	94,2	07	5,8

Esses resultados foram interpretados como uma primeira evidência de que o Distrito Federal procura a sua identidade, dissociando-se de regiões mais subdesenvolvidas. Outros indicadores de natureza sociológica, como os produtos culturais do DF, principalmente a música, apontam também para a busca de uma identidade mais cosmopolita, sem grandes influências regionais.

A pesquisa de Hanna (1986), conforme vimos, apontou para a possibilidade de estar ocorrendo no Distrito Federal a focalização de um falar que seria uma espécie de denominador comum dos falares brasileiros, sem marcas regionais salientes. Essa hipótese foi respaldada pela pesquisa de atitudes que acabamos de sumariar, uma vez que o falar mais apreciado foi justamente o exemplar em que não se percebiam regras regionais. Nos anos que se seguiram a essa etapa da pesquisa, no final da década de 80, essa hipótese foi-se fortalecendo. Em 1992, Bortoni-Ricardo, Gomes e Malvar, ao coletar dados para uma pesquisa sobre a realização das vogais médias pretônicas no falar de Brasília encontraram alguns dados surpreendentes. Nas gravações com uma família de classe trabalhadora, residente em uma cidade satélite e proveniente do Rio de Janeiro, várias palavras foram pronunciadas com as vogais pretônicas /e/ e /o/ abaixadas. Os dados não eram suficientes para chegar-se a conclusões mais definitivas e o grupo de trabalho foi alertado para a possibilidade de estar ocorrendo no DF o fenômeno de transformação de dialeto regional em dialeto socioletal, descrito por Fishman (1972). Segundo esse autor, isso acontece quando um contingente populacional de uma região migra para outra, mais desenvolvida, e ali permanece em redes fechadas, propícias ao desenvolvimento de variedades socioletais.

A análise de vogais pretônicas foi retomada por Corrêa, no período de 1996-98. Essa pesquisa, ao contrário das anteriores, que eram voltadas para a descrição do fenômeno de difusão dialetal, propôs-se a verificar se, de fato, havia um processo de focalização dialetal em curso no DF e se esse processo estaria associado a status socioeconômico e grau de escolaridade. A amostra foi constituída de 24 jovens nascidos e criados no Distrito Federal, e estratificada em função da zona de residência (de classe média, Plano Piloto de Brasília — Asa Sul e Asa Norte —, e de classe média baixa, a cidade da Ceilândia) e do grau de escolarização (médio e superior), como exposto na tabela 8.

Tabela 8

Dados estatísticos segundo a renda bruta mensal dos domicílios

Domicílios por classe de renda em salários mínimos mensais							
Regiões	R <= 1	1 < R <= 3	3 < R <= 5	5 < R <+ 10	10 < R <= 20	R <= 20	Total
Administrativas	%	%	%	%	%	%	
Brasília	3,1	1,2	3,4	10,3	23	59	75.901
Cruzeiro	0	1,95	7,92	25,5	31,4	33	13.584
Guará	1,58	5,32	10,36	25,47	29,83	27,44	25.185
Núcleo Bandeirante	5,08	21,73	15,06	17,65	18,54	21,94	11.636

Taguatinga	3,09	14,08	19,1	27,52	22,68	13,53	55.894
Ceilândia	5,2	23	34	25	11	1,8	73.005
Samambaia	11,11	38	30,36	16,06	3,96	0,42	28.580
Gama	5,87	19,97	27,72	25,01	15,4	6,03	28.723
Paranoá	9,1	51,04	31,58	7,01	1,27	0	8,077
Sobradinho	4,9	14,19	16,31	30,47	19,52	14,61	17.187
Planaltina	18,93	22,33	24,08	23,11	10,28	1,27	16.082
Brazlândia	1,6	19,45	39,65	31,58	6,64	1,08	8.780
TOTAL	4,57	16,38	20,72	21,75	17,53	19,05	362.634

Fonte: CODEPLAN - Pesquisa Domiciliar: Transporte - 1990, com adequações de Corrêa (1998).

Os resultados, dispostos nas tabelas 9 e 10 evidenciam que os habitantes do Plano Piloto de Brasília tendem a favorecer o uso das vogais pretônicas como médias ou altas, enquanto os residentes na cidade de Ceilândia, especialmente os de escolaridade de nível médio, demonstram tendência a usar as formas abaixadas.

Tabela 9

Efeitos dos fatores sociais na variação das médias pretônicas /e/

Fatores sociais	Média /e/	Média alceada /i/	Média abaixada /E/
1. Residência			
Plano Piloto de Brasília	.452 (453/687)	.387 (229/687)	.160 (5/687)
Ceilândia	.200 (483/717)	.234 (198/717)	.565 (36/717)
2. Escolaridade			
Ensino Superior	.451 (496/725)	.412 (224/725)	.137 (5/725)
Ensino Médio	.185 (440/679)	.203 (203/679)	.611 (36/679)

Fonte: Dados de Corrêa (1998).

Tabela 10

Efeito dos fatores sociais na variação das médias pretônicas /o/

Fatores sociais	Média /o/	Média alceada /u/	Média abaixada /O/
1. Residência			
Plano Piloto de Brasília	.461 (409/500)	.442 (88/500)	.097 (3/500)
Ceilândia	.147 (374/490)	.154 (81/490)	.700 (35/490)
2. Escolaridade			

Ensino Superior	.505 (432/507)	.324 (62/507)	.171 (13/507)
Ensino Médio	.181 (351/483)	.282 (107/483)	.536 (25/483)

Fonte: Dados de Corrêa (1998).

Os resultados mostram, convincentemente, que o fenômeno de focalização dialetal diversificou-se no Distrito Federal. Nas áreas residenciais de classe média alta, o dialeto que se focaliza não apresenta traços regionais marcados. Nas áreas de classes média baixa e baixa, o dialeto que se encontra em processo de focalização está preservando marcas regionais, pelo menos a regra de abaixamento das vogais pretônicas, que é típica dos falares nordestinos no Brasil. Isso fica mais patente na fala de informantes que não chegaram a cursar universidade.

A preservação da identidade sócio-regional, favorecida pela rede social densa, que permeia a vida dos informantes de status socioeconômico mais baixo, contribuiu para a manutenção de traços lingüísticos regionais. Além de não serem alvo de discriminação pelos seus pares, esses traços reforçam laços de identidade e solidariedade dentro da rede (Milroy 1980).

Do ponto de vista da formação dialetológica, é bem provável que as ocorrências de abaixamento da vogal pretônica na fala de jovens candangos de Ceilândia estejam deixando de ser um traço regional e assumindo o valor sócio-simbólico de indicador socioletal. Essa situação lingüística foi discutida por Fishman (1972), quando observa que grupos migratórios mais pobres tinham suas características lingüísticas associadas não mais ao lugar de origem, mas sim ao status social que adquiriam posteriormente à migração.

Sobre o mesmo assunto, Labov (1972: 300) pondera que o surgimento de dialetos de baixo prestígio de classes trabalhadoras é um fenômeno que abarca duas tendências dos últimos séculos: o declínio de dialetos locais e o aumento da estratificação vertical na linguagem.

Esses resultados são consentâneos com os achados anteriores e mais esclarecedores, na medida em que nos permitem perceber que o fenômeno de dialetos em contato no Distrito Federal é mais complexo do que os dados que se foram acumulando nos permitiam supor. A deriva que se prenuncia parece não ser apenas resultado de uma «koineização» dos falares brasileiros, caracterizada pela neutralização das tipicidades, mas a de formação de uma variedade que vai preservar algumas marcas regionais e descartar outras, processo que tem que ser examinado à luz dos múltiplos fatores estruturais que já provaram ser relevantes na produtividade de regras variáveis no português do Brasil e explicado por meio de refinadas análises de natureza sociodemográfica e sociocultural.

Referências bibliográficas

Adant, Josepha (1988): *Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília*, Dissertação de Mestrado inédita, Brasília, DF: Universidade de Brasília.

Bortoni, Stella M. / Gomes, Cristina / Malvar, Elizabeth (1992): «A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?», em: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 1, págs. 9-30, 1992.

Bortoni-Ricardo, Stella M. (1985): *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*, Cambridge: University Press.

Bortoni-Ricardo, Stella M. (1991): «Dialect Contact in Brasília», em: *International Journal of Sociolinguistics* 89, págs. 47-59.

- Melo, Djalma Cavalcanti (1988): *Atitudes lingüísticas e as variedades regionais de fala no Brasil*, Dissertação de Mestrado inédita, Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Corrêa, Cíntia da Costa (1998): *Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*, Dissertação de Mestrado inédita, Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Fishman, Joshua A. (1972a): *Advances in the Sociology of Language*, Vol I, Paris: Mouton.
- Fishman, Joshua A. (1972b): *The Sociology of Language*. Rowley, Mass: Mewbury House.
- Hanna, Elizabeth S. (1986): *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*, Tese de Mestrado inédita, Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Labov, William (1972): *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia: Pennsylvania University Press.
- Le Page, Robert: (1980): «Projection, focussing and diffusion», em: *York Papers in Linguistics 9*, págs. 9-31.
- Leopold, Werner L. (1972) The declines of German dialect, em Fishman, Joshua (Org.) *Reading in the sociology of language*, The Hague: Mouton, págs. 340-364.
- Milroy, Lesley (1980): *Language and Social Networks*, Oxford: Basil Blackwell.
- Payne, Arvilla (1976): The acquisition of the phonological system of a second dialect, Tese de Doutorado inédita, University of Pennsylvania.
- Silva Neto, Serafim da (1979): *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Presença.

